

DRIELI LAIZA MATOZO

LIVRO PARA CRIANÇAS, ASSUNTO DE GENTE GRANDE: A CONDIÇÃO DA
FAMÍLIA EM *A BOLSA AMARELA*

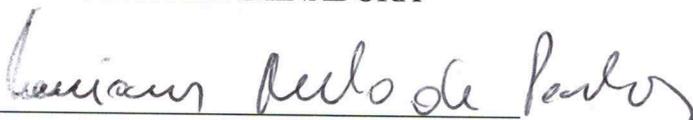
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção grau de Licenciado em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Mr. Luciano Melo de Paula

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

11 / 12 / 2014

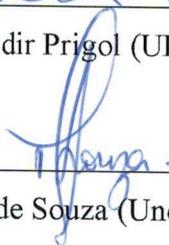
BANCA EXAMINADORA



Prof. Luciano Melo de Paula (UFFS)



Prof. Valdir Prigol (UFFS)



Profª. Márcia de Souza (Unochapecó)

Livro para crianças, assunto de gente grande: a condição da família em *A Bolsa Amarela*¹

Drieli Laiza Matozo²

drielimatozo@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho apresentamos uma reflexão comparativa entre o modelo familiar padrão subjacente aos livros didáticos da década de 1970 e a obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga. Inicialmente apresentaremos a autora e sua obra, enfatizando as características de sua produção e sua marca: combinação de fantasia com crítica social. Num segundo momento, apresentaremos o núcleo de fundamentos teóricos que embasaram essa pesquisa e, ao final, o cotejamento da novela *A Bolsa Amarela* com os apontamentos de Deiró (1978) sobre a família modelo apresentada nos textos de livros didáticos dos anos 70.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; família; mulher; Lygia Bojunga; A bolsa amarela.

Introdução

Neste trabalho apresentamos uma análise dos modelos de família presentes na novela *A Bolsa Amarela* (1976), de Lygia Bojunga, em contraposição ao modelo de família apresentado nos livros didáticos analisados por Deiró (1978). O núcleo dos fundamentos teóricos que utilizamos é formado pelas propostas de Candido (2010), Bosi (2002), Beauvoir (1970).

As obras de Bojunga possuem como marca predominante a fantasia e a crítica social, essencialmente pela preocupação da autora em denunciar pelo texto as injustiças e os preconceitos presentes na sociedade contemporânea.

Um dos exemplos representativos de sua literatura está na obra *A bolsa amarela*, publicada em 1976, que apresenta questões controversas às convenções da ideologia dominante. A autora contesta a estrutura familiar tradicional com as ações e as fantasias da personagem Raquel. Esta menina é uma ilustração da criança mulher, que não tem voz dentro da família e por isso cria um mundo imaginário para guardar seus anseios e segredos. A menina, que é a voz narrativa da obra, vai desenvolvendo sua trama com auxílio das personagens do mundo criado por sua rica imaginação. Em um universo plenamente particular

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, orientado pela Prof. Me. Luciano Melo de Paula.

² Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

Raquel vai unindo a fantasia com o mundo real. Desta maneira ela consegue dominar os seus anseios e assim evoluir, afirmando-se como mulher.

Outra obra da autora que apresenta o tema semelhante é *Tchau*, único livro de contos de Bojunga, publicado em 1984. No conto homônimo, a filha Rebecca é o ponto de apoio dos pais que estão se separando. Os papéis nessa obra são trocados, a mãe está prestes a ir embora para viver um novo amor e deixar o marido e os filhos. Diante de uma “civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem” (BEAUVOIR, p. 214, 1970) é mais aceitável que o homem abandone a família em busca de um novo amor, porém a história apresentada é inversa.

Essas obras questionam a relação homem x mulher e o porquê dos papéis de cada um sempre tão claros na formação familiar, assim como o grau de liberdade da mulher dentro da família e da sociedade. A recorrência desta temática nas obras de Bojunga é um sinal importante, pois comprova que ela se preocupa com a condição feminina na sociedade.

Essas características despertam o interesse para estudar a autora e suas obras, pela relevância social do tema e pela forma que ela os aborda. Estudar Lygia Bojunga é interessar-se pelos problemas sociais, pela formação da infância e o despertar do exercício crítico em seus leitores.

1 Lygia Bojunga: fantasia e crítica social

Lygia Bojunga iniciou sua carreira literária no auge do movimento feminista, do movimento *hippie*, do Festival Woodstock, na década de setenta. Ela dedica-se a produzir uma literatura que combina fantasia e realidade, trata de assuntos sérios com humor e com uma leitura simples e deleitosa. Suas obras possuem acentuado senso de justiça e críticas contundentes, suas personagens vivem experiências que se comparam à realidade, ligadas a situações corriqueiras, como problemas nas relações familiares, preconceito, morte, carência afetiva e abandono.

Lygia se dedica à literatura infantil e juvenil, porém conforme ela desenvolve sua escrita, seu público, assim como ela, vai crescendo, amadurecendo. Suas primeiras produções caracterizavam-se pelo otimismo, pela leveza no desfecho das histórias, pela esperança, pela junção de fantasia com a realidade, já suas obras mais recentes têm características fortes com dilemas e resoluções não tão aparentes ou venturosos: aparecem questões dolorosas, como em

Sapato de Salto (2006), que tem como personagem principal Sabrina, uma menina de 11 anos, órfã, que, acolhida por um casal, é abusada sexualmente pelo dono da casa.

Bojunga consagrou sua obra e conseguiu projeção internacional ao receber a medalha Hans Christian Andersen, em 1982. Após receber esse prêmio sua obra se espalhou pelo mundo e seus livros foram publicados em vinte idiomas. Em 2004 ganhou o prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) premiação internacional dedicado à literatura para crianças e jovens. Como resultado dos prêmios, Lygia também construiu sua própria editora, a Casa de Lygia Bojunga, que surgiu da necessidade da autora em ter um maior controle sobre suas obras e conhecer o caminho trilhado por seus personagens até que estes alcançassem os seus leitores e futuros confidentes.

Lygia Bojunga Nunes produz uma literatura de resistência, uma vez que pensa suas obras como uma forma de contribuir uma reflexão sobre questões como preconceito contra mulher, direito à infância, relações familiares, etc. de uma maneira lúdica e fantástica:

As histórias que ela escreve também têm suas dicotomias. Apresentam-se sempre divididas, tendo um pé na fantasia e outro na realidade, e o olhar que as narra divide sua atenção entre o mundo interior dos personagens e o mundo social onde se movem. Olhando para dentro dos personagens, o narrador partilha suas inseguranças, seus medos e desejos; olhando para fora, convida o leitor a refletir criticamente sobre as relações sociais e afetivas de seu próprio tempo. (SILVA, p. 135, 2008)

Em *A bolsa amarela*, Bojunga critica a ideologia dominante com uma linguagem acessível ao universo infantil e juvenil, o que leva a uma reflexão e ao questionamento dos valores estabelecidos. As obras da autora cativam seus leitores, crianças, jovens e adultos, a repensar a forma de ver o mundo e pensar o quanto melhor seria se houvesse na construção desse uma participação efetiva, respeitosa e igualitária, tanto de mulheres quanto de homens.

2 Literatura e sociedade

A literatura representa os problemas e conflitos das relações sociais, discutindo comportamentos e as convicções de cada época. Candido (2010) reflete sobre os aspectos sociais que envolvem a vida artística e a produção literária, preocupou-se também em refletir em que medida a produção literária deriva do meio e em que medida ela retorna ao meio.

O crítico literário afirma que, ao criar sua literatura, o escritor combina a realidade vivida com a sua compreensão do mundo, criando assim sua própria interpretação, sem ser apenas um espelho do cotidiano. Arte e literatura são sociais, pois dependem:

Da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2010, p. 30)

A sociologia moderna se interessa em analisar os tipos de relações e os fatos da vida artística que marcam seus momentos de produção como sua posição social, seus valores ideológicos e sua técnica de comunicação. Preocupa-se também em investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. Fatores como a estrutura social se manifestam na posição social do artista, os valores e ideologias manifestam-se pela forma e conteúdo da obra e as técnicas de comunicação, através da transmissão. Não se pode separar a repercussão da obra com sua produção, pois sociologicamente, ela só se completa quando adquire efeito e atua em seu meio.

A literatura aparecerá como algo que só a análise sociológica é capaz de interpretar convenientemente, pois ela mostra que naquelas sociedades o sentimento estético pode ser determinado por fatores diferentes dos que o condicionam entre nós, ligando-se estreitamente aos meios de vida, à organização social, e representando uma nítida sublimação de normas, valores e tradições. (CANDIDO, 2010, p. 65)

Hoje, afirmar que a literatura expressa a sociedade já não é novidade. A arte é acima de tudo comunicação expressiva que está profundamente ligada às vivências do artista, todavia não se limita a isso, pois ao criar o artista busca temas e formas preexistentes na sociedade, que vão ser moldados ao seu público alvo segundo a inspiração e a demanda do mesmo.

Segundo Alfredo Bosi em *Literatura e resistência* (2002), a arte não vem apenas da força de vontade do artista, mas principalmente através da intuição, da imaginação, da percepção e da memória de quem escreve. O autor discorre sobre a relação da resistência quando associada à narrativa. Resistência é um conceito ético, no entanto quando se enlaça a características estéticas se realiza como tema ou como um processo ligado à escrita.

A passagem do sentido ético para o estético surte resultados importantes principalmente quando o narrador explora e incentiva os valores da vida em sociedade, esse pode interferir diretamente nas relações sociais, julgando e até alterando os referidos valores.

O produtor literário tem amplo espaço para criar sua escrita, além de trabalhar com a memória de coisas que realmente aconteceram, pode usar fatos possíveis ou imaginados e a partir de seu desejo, criar representações do bem ou do mal. Desta forma o autor poderá levar a seu texto um conjunto de fenômenos de resistência do *eu* aos valores ou antivalores do seu meio, levando seus leitores a acreditar na figura do herói:

A arte pode escolher tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele. Embora possa partilhar os mesmos valores de outros homens, também engajados na resistência a antivalores, o narrador trabalha a sua matéria de modo peculiar; o que lhe é garantido pelo exercício da fantasia, da memória, das potências expressivas e estilizadoras. Não são os valores em si que distinguem um narrador resistente e um militante da mesma ideologia. São os modos próprios de realizar esses valores. (BOSI, 2002, p. 112 - 113)

O romancista cria seu personagem com uma identidade singular dentro da trama, ele dedica sua escrita a conquistar uma verdade, dessa forma valor ético e ficção se completam. As opções temáticas de cada escritor são apresentadas com diferenças éticas e estéticas. Algumas dessas silenciam-se diante dos problemas sociais de seu tempo. Outras não, na literatura também há resistência:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições. (BOSI, 2002, p. 134)

A *Bolsa Amarela* pode ser lida como um texto desta resistência, sua protagonista Raquel resiste ao moto-contínuo da dominação masculina no âmbito social e familiar. A figura feminina em *Bojunga*, ganha características importantes ao enfrentar alguns tabus da sociedade. Na história de nossa civilização constatamos que todos os poderes foram confiscados pelos homens, o que prevalece até hoje. Na sociedade a mulher sempre foi vista como o Outro, como exemplifica os tempos do patriarcado em que consideravam que as mulheres deveriam ser mantidas em estado de dependência.

Este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; [...] O cuidado dos filhos e do lar é ainda quase inteiramente suportado pela mulher. [...] Disso resulta que a mulher pode mais dificilmente do que o homem conciliar a vida familiar com o papel de trabalhadora. No caso em que tal esforço é exigido dela pela sociedade, sua existência faz-se muito mais penosa que a do marido. (BEAUVOIR, 1970, p. 172)

Lygia Bojunga não apresenta em sua obra uma ideologia claramente feminista, não é panfletária e nem militante da causa, mas seu forte senso de justiça social e de crítica às desigualdades entre gêneros são temáticas recorrentes em de suas obras. A busca pela liberdade também é um tema frequente, assim como a luta para se livrar das amarras da sociedade machista tanto dentro das famílias quanto na sociedade.

3 O modelo de família nos livros didáticos e na literatura infantil dos anos 70

Preocupada em compreender os mecanismos pelos quais o aparelho escolar desempenha algumas funções, Maria de Lourdes Chagas Deiró (1978) construiu uma pesquisa colhendo dados de textos de leitura das quatro primeiras séries do primeiro grau no ano de 1977. Com essas observações foi constatada uma diferença significativa entre o mundo descrito nos textos dos livros didáticos e o mundo real, vivido pelas crianças.

Os receptores destes livros didáticos analisados são crianças que tem entre 7 a 10 anos. Por conta da idade estão constituindo seu desenvolvimento psicológico e não possuem forte senso crítico, por estes motivos tendem a ser moldados com mais facilidade. Nesta fase os livros didáticos são importantes instrumentos de formação ideológica, porém ao serem produzidos para transmitir a ideologia da classe dominante, transmitem valores que não correspondem às realidades vividas pelos estudantes.

O que Deiró (1978) pôde constatar é que em grande parte destes textos destinados à crianças há um modelo ideal de família. As famílias são homogêneas, formadas por pai, mãe e poucos filhos, exemplo de uma classe social mais elevada, na qual todos os membros colaboram para ser um lugar de alegria, entretanto esse modelo apenas está idealizado na mente de quem produz esses textos.

Os pais trabalham, os filhos estudam e todos os membros cooperam para que a “família” seja um lugar de segurança e tranquilidade. [...] A família, desta forma, é destituída de toda e qualquer responsabilidade para com uma tomada de posição diante das contradições sociais. (DEIRÓ, 1978, p. 31)

Ao compararmos os textos analisados por Deiró (1978) e a obra produzida por Bojunga (1976) notamos as diferenças entre as estruturas familiares. Nos livros didáticos a família ideal, um modelo a ser seguido por todas as outras, já a família da literatura é a família real, com a representação de conflitos e problemas presentes na vida real.

A bolsa amarela traz reflexões sobre diversos temas que passavam quase despercebidos e eram silenciados até então, questões como o preconceito sobre o gênero feminino, a estrutura familiar dominante, a opinião da criança, a privação dos desejos, a luta pelas próprias ideias.

O texto narra os anseios e conflitos da personagem Raquel, uma pré-adolescente que possui três desejos: ser menino, crescer e se tornar escritora. Esses três desejos são guardados dentro de uma bolsa amarela que ganhou das sobras de sua tia Brunilda, cuja situação financeira é mais estável. Raquel é a filha mais nova e passa a reprimir seus desejos de si mesma e de sua família por se sentir rejeitada. De maneira fantástica, cria um mundo com amigos imaginários e vai desenvolvendo sua aventura até afirmar-se como pessoa.

3.1 Raquel e sua família em *A bolsa amarela*

Raquel é a protagonista da obra, ela é uma menina de aproximadamente dez anos que possui desejos, criatividade, criticidade e vontade de mudança, porém todas essas qualidades são reprimidas, possui uma família que não permite o diálogo e não oferece abertura. A figura do filho, como aparece em Deiró (1978) deve possuir comportamentos primordiais como ser obediente, estudioso, submisso e bom:

As crianças são os recipientes de toda a ideologia de uma classe dominante. [...] Os filhos dessa forma, incorporarão para sempre o comportamento de obediência e conformismo diante da autoridade de qualquer um de seus superiores. (DEIRÓ, 1978, p. 54)

A protagonista não deixa de ter comportamentos primordiais para um bom filho, mas também não se deixa levar pela ideologia dominante, ela não é submissa e é questionadora sobre a maneira que sua família a trata.

A família da protagonista é diferente das apresentadas na análise de Deiró (1978), família grande, pai e mãe precisam trabalhar fora para garantir o sustento da casa. Raquel possui três irmãos, que são dez anos mais velhos que ela e pela distância de idade também não a entendem. A menina não foi planejada e nasceu quando seus pais já estavam cansados de trabalhar e sem paciência para cuidar de mais uma criança:

Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: 'A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho.' (BOJUNGA, 1976, p. 14).

O pai e a mãe de Raquel trabalham fora, então o tempo para dedicarem atenção a ela é reduzido, a irmã mais nova é a pessoa com quem a menina mais tem contato. Essa irmã que poderia ser uma referência para a menina, entretanto ela é o oposto, não trabalha, não estuda e nem se preocupa em mudar essa condição:

O pessoal aqui em casa até que se vira: meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão tá tirando faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite. Mas minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. (BOJUNGA, 1976, p. 14)

Deiró ao fazer uma síntese do ambiente familiar presente nos textos de leitura analisados percebe que pais, irmãos, avós e tios vivem em harmonia, sem conflitos, brigas ou

preocupações. Já Raquel constantemente se depara com conflitos dos pais e se sente impotente e sem entender, pois esse não é considerado um assunto para crianças:

[...] eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois, toca todo o mundo a ficar emburrado. Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto pra criança. (BOJUNGA, 1976, p. 18)

Nos textos de leitura analisados por Deiró (1978) a figura do pai e a figura da mãe têm características bem marcadas. O pai é o chefe da família, que deve trabalhar para garantir o sustento de todos e acima de tudo é a autoridade da família, porém nunca é citado como responsável por cuidar de seus filhos:

A mensagem ideológica, presente nestes textos, reproduz [...] a figura paterna, limitando-a a dois comportamentos fundamentais: sustentar o lar e fazer passeios. [...] Há sempre uma imposição de comportamentos estanques, tanto para os pais, como para os filhos, que correspondem a atitudes desejadas por um determinado tipo de sociedade, para preservar suas estruturas. (DEIRÓ, 1978, p. 37)

A mãe de Raquel não é uma figura presente e a menina passa a maior parte do tempo com a irmã mais nova, que não é um exemplo de figura materna. Nos livros didáticos a responsabilidade da mãe é cuidar dos filhos, do lar e do marido, com amor e carinho, quando trabalha fora é em funções pedagógicas, como professora:

Todas as mães são iguais no imenso amor, amor sem limites, amor sacrificado e feito de perdão, que dedicam aos filhos. Sejam elas ricas ou pobres, das zonas urbanas ou rurais, todas são iguais. A “Mãe” também é um personagem tão estereotipado que se perguntaria como alguma mãe real se reconhece na descrição desse perfeito, que surge nos textos de leitura. (DEIRÓ, 1978, p. 44)

Os outros membros da família presentes em Bojunga (1976) são tio Júlio, tia Brunilda e o primo Alberto. As características descritas deles também se diferem das presentes em livros didáticos analisados em Deiró (1978). O tio é descrito como o padrinho da criança, que tem como função dar presentes ao sobrinho e o levar passear, a tia como é apresentada, não tem muita expressão e apenas se preocupa com as tarefas do lar.

A tia Brunilda é consumista compulsiva, é ela quem ajuda a família de Raquel doando roupas que não usa mais: “Que boazinha é a Brunilda: sabe como a gente vive apertada e cada vez manda mais roupa” (BOJUNGA, 1976, p. 26). Mesmo ela sendo uma personagem sem muita expressão na obra, ela tem grande importância, é pelo fruto de seu consumismo que a bolsa amarela sobra para Raquel, iniciar sua saga.

O motivo de a tia estar sempre comprando é que o tio Júlio não a deixa trabalhar fora, característico de um homem machista, ele prefere sustentá-la: “se ele reclama, ela diz logo: ‘Vou arranjar um emprego.’ Aí ele fala: ‘De jeito nenhum!’ E dá mais dinheiro. Pra ela

comprar mais. E pra continuar enjoando.” (BOJUNGA, 1976, p. 26). O primo Alberto é um menino de quatorze anos, muito mimado e que não é mais considerado criança, por ele e por seus pais, outro motivo que deixa Raquel insatisfeita com sua situação.

Bojunga (1976) apresenta em sua obra a ilustração de uma família real, com características presentes na maioria estruturas familiares da época, representando seus problemas e conflitos a partir de sua interpretação do mundo, criando representações que trazem embates que a ideologia dominante mascara.

3.2 As vontades de Raquel

Raquel é uma menina solitária e mesmo passando boa parte do dia assim, sente-se sem privacidade dentro de sua casa. Ela vive dentro de uma estrutura familiar tradicional onde crianças não podem ter vontades, originalidade ou espírito crítico.

Ela possui três grandes desejos, crescer, ser garoto e ser escritora. Seu drama consiste em manter essas vontades em segredo, escondidas principalmente de sua família, que não compreende que uma criança também pode ter ideias e opiniões. É oprimida e por isso não está satisfeita com o ambiente familiar e tão pouco com o papel social destinado a ela, ser a única criança da família e ser menina.

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. [...] Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. Já fiz tudo pra me livrar delas. Adiantou? Hmm! é só me distrair um pouco e uma aparece logo. (BOJUNGA, 1976, p. 11)

Seu desejo de ser garoto é defendido em uma discussão que Raquel tem com seu irmão, ela tem consciência do domínio masculino em relação ao sexo oposto e das atribuições que os homens recebem:

- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher [...] Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. [...] É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - puxa vida! - vocês é que vão ter tudo. [...] Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 1976, p. 16)

Estas regalias fazem com que a menina não se conforme com a diferenciação feita entre homens e mulheres e nem com o desprestígio que o sexo feminino recebe. A hierarquia machista se mantém ao longo dos anos em âmbitos familiares, sociais e políticos. Por serem

consideradas o “sexo frágil” ou até mesmo amaldiçoadas e pecadoras, aspectos esses já destacados tanto na literatura mundial quanto na cultura e filosofia, como exemplifica Aristóteles ao afirmar que “a fêmea é fêmea em virtude de certa *carência* de qualidades [...] e Sto. Tomás [...] decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser ocasional” (BEAUVOIR, 1970, p. 10), as mulheres têm que provar sua capacidade e igualdade. A figura masculina, pintada como provedora e principal responsável pela família tornou o fato de ser mulher uma árdua missão.

Ser criança também se tornou um fardo já que Raquel é a única da família, por conta desta condição, suas opiniões não são ouvidas por ninguém. Ela acredita que se fosse adulta seria mais notada e se sentiria encaixada na família, poderia tomar suas próprias decisões e ser independente: “quando a gente é grande pode tudo, resolve tudo (BOJUNGA, 1976, p. 50)”.

A necessidade de ser entendida faz com que vontade de ser escritora cresça assim a personagem desperta sua imaginação e cria um novo mundo com amigos imaginários que entendem sua opressão e não julgam seus desejos. Porém, nenhum de seus familiares entendia suas histórias e toda vez que um encontrava um de seus escritos faziam piada, o que deixava Raquel envergonhada, intimidada a desenvolver sua criatividade.

A protagonista tem pensamento infantil e egocêntrico, possui muitas ideias, dúvidas e anseios sobre o mundo, entretanto suas vontades constantemente são confrontadas, muitas vezes até ignoradas por sua família, dessa maneira, essa ânsia de respostas faz com que suas vontades comecem a crescer, tornando-se cada vez mais difícil para a personagem mantê-las escondidas.

O crescimento das vontades é uma metáfora. As vontades não crescem realmente, mas as transformando em algo concreto a personagem consegue lidar com elas e camuflá-las. Guardar os sentimentos dentro de uma bolsa para que os outros não possam ver nos soa estranho, porém Lygia o faz de maneira natural. A bolsa surge como um refúgio do mundo, principalmente das privações de Raquel, nela o que é insólito se junta com o real causando um sentimento de estesia.

3.3 A bolsa como símbolo

Raquel precisa de um lugar para guardar seus anseios, desejos e vontades. Ela encontra na bolsa enviada pela tia Brunilda um lugar perfeito para esse fim. Ela constrói a bolsa do seu jeito, de acordo com suas vontades:

Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua, e no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão esperei a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar). Pronto! A arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas. (BOJUNGA, 1976, p. 29 - 30)

Além dos desejos, dentro da bolsa vão viver o galo Afonso, o galo Terrível, o Alfinete de Fraldas, a Guarda-Chuvas mulher e o Carretel de Linhas que foi usado para costurar o pensamento de Terrível. Estes personagens fazem parte do enredo da obra, são eles que contribuem para a protagonista mergulhar em um mundo imaginário que a faz esquecer os problemas familiares da trama que é desenvolvida e narrada pela protagonista.

A bolsa nos remete a bolsa amniótica “que apresenta-se como um signo de ventura para o recém nascido. [...] essa bolsa (protetora) afirma a espiritualidade e coloca-a em segurança” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 46), que cheia de água, protege a criança que está se formando lá dentro. A bolsa amarela dá segurança a Raquel, ela pode guardar ali dentro suas vontades, a bolsa traz o que a personagem tem de mais íntimo.

A bolsa é a representação da feminilidade, ela é uma mãe que possui sete filhos, que são seus bolsos, ela é uma mulher que abriga dentro de si desejos, vontades, ambições. É bonita, é usada para guardar, proteger todos os que nela se abrigam, é a representação da mulher forte, com importante papel na sociedade, mulher essa que a protagonista deseja transformar.

O amarelo é uma cor intensa, além de ser a cor da bolsa de Raquel é também a cor presente nas capas e nas páginas das obras de Bojunga publicadas pela sua editora. De acordo com Chevalier e Gheerbrant em seu dicionário de símbolos “[...] o amarelo é a mais quente, a mais expansiva, a mais ardentes das cores [...] é a cor da pele nova da terra [...] Está, então, associada ao mistério da Renovação. [...] O amarelo é a cor da eternidade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 40 e 41).

O amarelo da bolsa, para a protagonista é a cor mais bonita, que também não quer permanecer sempre da mesma forma, que assim como a personagem, quer a sua constante renovação “às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato” (BOJUNGA, 1976, p. 27).

As cores nas obras de Bojunga expressam emoções e sentimentos, um exemplo significativo está na obra *O meu amigo pintor* (1987) em que o protagonista Claudio vai superando a morte de seu amigo pintor com ajuda das cores.

A cor amarela é considerada sua cor favorita, transmitindo alegria e leveza, é muito importante para a autora e tem destaque desde seu primeiro livro. Isso se confirma, pois após a criação de sua editora Casa Lygia Bojunga, todos os seus livros foram repaginados e publicados com capa, contracapa e páginas amarelas.

Metaforicamente a bolsa representa o íntimo de Raquel, a cor amarela representa a mudança, renovação e o amadurecimento da menina. Deste modo, a bolsa amarela possui uma ligação direta com o interior de Raquel uma vez que, é com o auxílio de sua bolsa que a personagem encontra forças para mudar, renovar-se e assim amadurecer.

3.4 O galo que não quer ser galo

Uma das vontades que Raquel tenta manter escondida é a de escrever, ela encontra em seus escritos um refúgio no qual ela pode criar amigos que a entendem e principalmente dialogam com ela. No decorrer da obra ela escreve algumas cartas e um romance.

O primeiro romance escrito por Raquel é protagonizado pelo galo Rei, este personagem é um galo que vive em um galinheiro com quinze galinhas, mas que não quer mais ser o chefe daquela família tão “esquisita” e resolve fugir. Os donos do Galo Rei desejavam que ele mantivesse a linhagem de seus antepassados que foram todos chefes de família.

Esse romance faz parte das primeiras pontes que Raquel constrói entre o mundo real e o fantástico. Quando o Rei surge novamente, ele estava realmente fugindo do galinheiro e encontra abrigo dentro da bolsa de Raquel. O galo fugindo para poder seguir lutando por suas ideias, ele não queria mais ser o rei do galinheiro, nem continuar sendo chamado de Rei, pois esse nome não era apropriado pra ele.

Então eu chamei as minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas noite e dia. Mas elas falaram: “Você é o nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente.” [...] Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! Bota um ovo! Pega uma minhoca! Do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (BOJUNGA, 1976, p. 35)

O galo encontra em Raquel alguém que o entende e que também se sente descontente com a submissão que as pessoas têm às convenções da sociedade. Esse personagem surge

para problematizar os papéis pré-estabelecidos para homens e mulheres na sociedade e o conformismo com a situação. Coling (2004), afirma que “os homens não puderam estabelecer relações de poder entre as mulheres e seus filhos sem uma relativa segurança do consentimento delas” (p. 18) e relaciona essa dominação ao fato de que as mulheres desmerecem-se e assumem o discurso masculino de que o poder deve ser reservado ao homem.

Cansado do comodismo, o galo muda o rumo de sua vida, a começar pela mudança do nome, o qual se identifica e passa a ser chamado de Afonso. A luta pela ideia de mudança no galinheiro do galo Afonso pode ser comparada com as lutas do movimento feminista. Nas décadas de 1960 e 1970 o movimento aflora com grupos de mulheres indo à rua em luta de condições igualitárias entre homens e mulheres, no trabalho, na remuneração e ao fim da discriminação sexual.

Esses movimentos surgiram para refletir sobre a condição da mulher e como consequência, ficou presente nos textos literários: “tal movimento refletiu diretamente, na produção literária das mulheres, sobretudo na literatura escrita para jovens e adolescentes” (RIBEIRO, 2002, p. 191).

Apesar das ideias de mudanças que os movimentos feministas causaram, muitas mulheres não tiveram a audácia de se transformar, e mesmo tendo o livre arbítrio, não tinham orientação e determinação suficiente para enfrentar novos desafios.

3.5 A guarda-chuva mulher

Bojunga (1976), consciente de que até a língua é masculinizada cria uma personagem que escolhe ser mulher, A guarda-chuva. Essa personagem é diferente de Raquel, pois foi ela quem escolheu ser uma guarda-chuva e porque ela não queria crescer, sendo que a infância guarda muitas coisas boas:

- Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu: mulher. (p. 48) [...]Quando a Guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu: - Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda. O homem se espantou: - E se mais tarde você cismar de crescer? - Não sei pra que: ser pequena é uma curtidão. Mas ele ficou cismado: - Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer. (p. 49)

A história das mulheres foi construída a partir da história dos homens, essa relação desigual deixou fortes marcas na cultura. A participação feminina na política é escassa,

fundamentalmente, tornam-se obrigações das mulheres cuidar do lar, dos filhos e do marido. Os homens são os chefes de família, detentores do poder sobre a vida dos filhos e da mulher.

Coling (2004, p. 13) comenta que o indivíduo humano é denominado Homem, os seres humanos são representados como seres masculinos, mesmo que existam mulheres nesse grupo, o sujeito mulher passa despercebido, quase não existe. Na nossa língua traços deste machismo são encontrados, em gramáticas normativas existem definições de que os substantivos do gênero feminino são derivados do gênero masculino, quando na verdade o que ocorre é uma flexão.

A decisão de ser mulher em uma sociedade patriarcal em que o contexto social reprime as mulheres e cria uma grande desigualdade é uma escolha difícil. A família é o ambiente da clausura da mulher, onde esta é privada do discurso.

Com os movimentos feministas surge a necessidade de que cada mulher deve ser protagonista de seu destino, de seu discurso, ter uma identidade própria deve estar sempre mudando.

Dentro dessa estrutura de desigualdade e pré-conceitos, a personagem Guarda-chuva mulher ajuda a menina Raquel a perceber que é possível crescer e tornar-se uma mulher independente e livre, como qualquer homem e manter dentro de si a natureza e a pureza infantil.

3.6 A casa dos Consertos

O Alfinete de fraldas, outro morador da bolsa de Raquel, apresenta a menina uma casa que consertava tudo, até guarda-chuvas. Ao conhecer a “Casa dos consertos” ela conhece um modelo de família diferente. A casa estava dividida em quatro partes e em cada parte estava um dos membros da família, constituída por Lorelai, seu pai, sua mãe e seu avô.

A personagem Raquel fica encantada porque pai, mãe, filha e avô trabalham juntos e se ajudam mutuamente, sem ter um chefe ou depositar funções marcadas para cada membro. As funções são trocadas, de maneira espontânea e alegre, ao ouvir o toque do relógio e todos fazem isso se divertindo e dançando.

O avô é representado na obra de Lygia (1976, p. 99) somente na Casa dos Consertos, sendo um personagem que trabalha, estuda e segue trocando as funções com os outros membros de seu grupo familiar: “– Teu avô tá estudando? – Tá – Velho daquele jeito? (Era meio chato conversar com ela: só eu cochichava; ela falava normal, todo o mundo ouvia.) -

Ele só é velho por fora. O pensamento dele tá sempre novo.” O avô, nos textos de leitura analisados por Deiró (1978), é apresentado como uma pessoa independente da família, que mora em chácaras ou sítios, sempre no aguardo da chegada de seus netos, é servido por empregados e não possui problemas econômicos ou problemas ocasionados pela velhice.

A família da Casa dos Consertos se difere da família de Raquel e da estrutura familiar padrão dos livros didáticos, as funções são trocadas, de maneira espontânea e alegre, ao ouvir o toque do relógio e todos fazem isso se divertindo e dançando, cada ponto de vista é considerado importante, todos colaboram para resolver conflitos corriqueiros. É perceptível que a ideologia subjacente à época é a de que as famílias precisam de chefe, que é o pai em sua maioria:

- Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe? - Chefe? - É o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô? - Mas pra que que precisa chefe? [...] - Não tem sempre uma porção de coisas pra resolver? Quem é que resolve? - Nós quatro. Pra isso todo dia tem hora de resolver coisa. Que nem ainda há pouco teve hora de brincar. (BOJUNGA, 1976, p. 99)

Esta família é um modelo novo de família, é exemplo familiar almejado por Raquel, uma família que considera importante a participação de todos que dela fazem parte, seja criança, velho ou adulto. Depois de conhecer essa casa, Raquel vai mudando sua forma de ver o mundo, de pensar a respeito da família e suas vontades vão diminuindo:

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir. (BOJUNGA, 1976, p. 109)

O diferente deixa Raquel extasiada e curiosa em saber como é possível que essa família se organize de maneira tão singular, com pai, mãe, filha e avô trabalhando juntos e se ajudando mutuamente, sem ter um chefe ou depositar funções marcadas para cada membro. A personagem passa a aceitar-se e a “Casa dos consertos” é o primeiro estalo para o desabrochar da personagem, a partir dessa passagem a menina-mulher Raquel começa a reconhecer-se como tal.

3.6 A libertação

O elemento mar está sempre presente nas produções de Bojunga, tanto na fase luminosa de sua obra, quanto na fase cinzenta. Na primeira como símbolo de liberdade,

evolução, tranquilidade e na segunda como símbolo de escuridão e morte, como afirma Silva (2008):

Vimos que na fase luminosa a imagem do mar era realçada em seus aspectos positivos de purificação e de renascimento pela proximidade de outras imagens conotativas de útero. O mar, então, correspondia ao âmnio, ao “mar interior”, como queria Freud. (p. 152)

A *Bolsa Amarela* faz parte da fase iluminada de Lygia e isso se confirma, pois a redenção da personagem Raquel ocorre na praia, junto ao mar. Depois que conheceu a “Casa dos consertos” a personagem começa a perceber o mundo de uma nova forma, que pode existir varias maneiras de se constituir família e se constituir mulher.

A vontade de ser menino deixa de fazer sentido assim que a menina percebe que uma mulher também pode ocupar funções importantes e ter participação na família e na sociedade. A vontade de ser grande começa a diminuir, pois mesmo sendo criança ela pode ser criativa, pensar e ter opinião. Lidar com suas vontades faz ela sentir-se feliz sendo o que é:

Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel. - Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha. O Afonso ficou no maior espanto: - Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela? - Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: "claro, ué". (BOJUNGA, 1976, p. 114)

Assim como suas vontades, os personagens da bolsa também sentem a necessidade de ir embora, e é também na praia que o galo Afonso encontra a ideia que ele tanto procurava: “Vou sair pelo mundo lutando pra não deixarem costurar o pensamento de ninguém.” (BOJUNGA, 1976, p. 94) Afonso leva junto com ele a Guarda-chuva mulher.

A única vontade que permanece com Raquel é o de ser escritora, mantendo esse desejo ela prova que é possível uma mulher ter criatividade e ter um papel importante na escrita. Deixar as vontades irem embora simboliza que a menina está aprendendo a ser mulher, que não precisa esconder de ninguém seus anseios e ambições: “A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve” (BOJUNGA, 1976, p. 115).

Deixar as vontades irem é como um rito de passagem, que se concretizou com a evolução da personagem que deixou de ser criança. Para conquistar essa evolução foi de primordial importância o desenrolar das histórias do mundo fantástico que a menina criou. Aceitar-se foi o passo primordial para Raquel conseguir sua libertação.

4 Considerações finais

O cotejamento das obras, proposto neste artigo, comprova as múltiplas formas de leitura da novela *A bolsa amarela*, principalmente o foco na questão familiar e o modo com que Lygia Bojunga as põe em jogo.

A partir da análise da obra, observa-se a complexidade da percepção da autora: a habilidade de unir o real e o insólito de uma maneira natural, trazer temas conflitantes de uma maneira leve, sempre rica em significados.

Logo, percebe-se a importância da análise de sua obra, pois é destinada aos jovens leitores que se tornarão os futuros cidadãos, eleitores, formadores de uma nova nação, pais e mães de família, que crescem conscientes em sua função de mudar a ideologia dominante. Seu trabalho não deve ser destinado apenas para crianças, visto que suas reflexões são pertinentes a todas as faixas etárias.

Contrapor *As belas mentiras* (1978) com *A bolsa amarela* (1976) permite visualizar um grande contraste entre a família que é idealizada pelos livros didáticos em que a característica marcante é a união, segurança e tranquilidade, e a família real, que possui conflitos, ideologias diferentes e impasses.

Podemos concluir que os livros didáticos analisados, são instrumentos importantes para a formação ideológica dos estudantes, mas para isso deveriam refletir comportamentos sociais, porém acabam refletindo uma realidade que só existe para quem os produziu.

A obra de Bojunga reflete comportamentos sociais e diferentemente dos livros didáticos, apresenta uma família que poderia existir, com personagens que tem comportamentos e situações similares às reais.

A partir da história da personagem Raquel que essas diferenças vão sendo tecidas. A menina esconde seus desejos de sua família, pois seus familiares não entendem que uma criança pode ter vontades próprias, sonhos e anseios. Ela precisa mergulhar em um mundo fantástico, criado por ela para poder se sentir aceita. Na obra, entra em foco uma crítica sobre a família tradicional imposta pela sociedade patriarcal e os pré-conceitos estabelecidos contra mulheres e crianças.

A sociedade machista sempre definiu como obrigação feminina cuidar dos filhos e do lar, essa incumbência definida através do menosprezo e da repressão da figura feminina, torna o mundo menos participativo. Ao contrário disso, observa-se a representação da mulher adquirindo grande participação na formação da sociedade, nas decisões políticas, nas lutas por seus direitos, além do mercado de trabalho.

A evolução pela qual a personagem ultrapassa até a autoafirmação é um caminho árduo, principalmente pela ideologia da época em que foi produzida a obra. Para muitas mulheres este caminho continua sendo muito difícil. Atualmente evoluir e poder aceitar-se ainda é um desafio, muitas mulheres ainda são tidas como posses de seus pais e maridos, muitas ainda sofrem violência doméstica e preconceito.

A Bolsa Amarela tem um compromisso social importante com seus leitores e leitoras, por discutir comportamentos e auxiliar para que estes tomem consciência da importância das mulheres na família e na sociedade. A obra contribui para que a partir de sua leitura seja possível desenvolver o exercício da criticidade, do conhecimento de mundo e de si mesmos, permitindo que seus leitores e suas leitoras enfrentem os preconceitos presentes na sociedade, conquistem a liberdade e a sua própria aceitação.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: Estudos da teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.
- COLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREI, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.) *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- CRISTÓFANO, Sirlene. *O itinerário simbólico em a bolsa amarela de Lygia Bojunga: fantasiar para incluir*. 2009. 96 f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes – Universidade do Porto, Porto, 2009.
- _____. *Lygia Bojunga e a Literatura Infanto Juvenil: uma crítica lúdica e abordagem à realidade social*. Revista Linha d'água. USP n.23, 2010. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/issue/view/> Acesso em 24 de setembro de 2014.
- _____. *O discurso feminino em A Bolsa Amarela: a busca pela libertação da mulher*. REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011. Disponível em <http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3723> acesso 10 de maio de 2014
- DEIRÓ, Maria de Lourdes Chagas. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 11. ed. São Paulo, Moraes, 1978.
- NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.
- _____. *O meu amigo pintor*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

_____. *Tchau*. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

_____. *Sapato de Salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. Imagens do feminino em Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assim; BEZERRA, Kátia da Costa (Org.) *Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cênone Editorial, 2008.

http://www.alma.se/upload/alma/pristagare/2004/biobibliography_portugese.pdf <acesso em 10 de novembro de 2014>

ABSTRACT: The present paper is a comparative reflection between the current family mode as referred to in the textbooks of the seventies and the literary work “A Bolsa Amarela” by Lígia Bojunga. First it will be exposed the author and her work, emphasizing the characteristics of her production and her personal mark: the intrinsic relation between fantasy and social criticism. In a second moment it will be presented the core of theoretical fundamentals which structured the research and finally it will be done the confront in the novel “A Bolsa Amarela” and the reflections by Deiró (1978) about the family model presented in the textbooks of the seventies.

KEYWORDS: Children’s Literature, family, woman, Lygia Bojunga, A Bolsa Amarela.